

Parque da Fonte Grande paga caro pelo descaso

Antonio Moreira

A fiscalização é insuficiente e, com o abandono da área, a estrada de acesso ao parque já virou local para o abandono de cadáveres. Os turistas reclamam da falta de infra-estrutura na região



A estrada de acesso ao topo do parque não tem calçamento e fica intransitável quando chove

Fabiana Oliveira

O Parque Estadual da Fonte Grande, remanescente mais significativo da Mata Atlântica do município de Vitória, está abandonado. Situado a poucos minutos do centro, o parque, com os seus 218 hectares de extensão, convive com a insegurança, falta de infra-estrutura turística e efetivo reduzido de guardas florestais para a fiscalização da área.

Da Fonte Grande, onde é possível contemplar os municípios de Vitória, Vila Velha e Cariacica, a paisagem é privilegiada. Mas atingir o seu topo é a grande dificuldade para turistas e trabalhadores das torres de TV que precisam chegar ao local. A estrada de acesso, sem calçamento em vários trechos, fica intransitável quando chove.

O abandono do morro já fez com que várias mortes ocorressem no local. O operador de transmissor Jorge Luiz Paixão, 34 anos, conta que já houve 10 desovas de cadáveres na estrada de acesso ao parque nos últimos dois anos. Ele trabalha na área destinada às torres de TV há seis anos, onde fica também uma guarita da Polícia Militar. Dois policiais fazem o patrulhamento na região 24 horas por dia.

Os turistas, que costumam visitar o parque nos fins de semana, reclamam da inexistência de lanchonetes e restaurantes no local. O único restaurante existente no parque foi fechado há cerca de cinco anos.

A fiscalização do parque também é deficiente. Apenas dois guardas-florestais — um do Instituto de Terras, Cartografia e Florestas (ITCF) e outro da Prefeitura — cuidam do local, quando se-

riam necessários pelo menos seis, segundo o guarda-florestal José Gomes Vasconcelos, 49 anos.

Os maiores problemas do local, segundo os guardas, são as pequenas queimadas provocadas por moradores de morros como da Fonte Grande e Forte São João. Eles põem fogo na mata para assustar os preás existentes, capturá-los e matá-los para comer. Além disso, há a retirada de lenha seca por alguns moradores dos morros vizinhos, para "alimentar" fogões de lenha.

RECURSOS

O diretor-geral do ITCF, órgão responsável pela fiscalização da Fonte Grande, Rui Têndinha, reconhece que o parque precisa de infra-estrutura para sobreviver. "O problema é que há grandes dificuldades em conseguir recursos", justificou.

O chefe da Seção de Parques e Reservas do órgão, Edson Valpasos, informou que o Parque Estadual da Fonte Grande é uma das unidades a serem contempladas com recursos pelo Banco Mundial. Mesmo assim, não há previsão de quando a verba vai chegar ao Estado.

A estrada de acesso ao topo da encosta da Fonte Grande também não tem data certa para ser remodelada. O coordenador de Obras da Prefeitura de Vitória, Wagner Augusto Pereira, informou que não há obras previstas para o local este ano. As comunidades de Fonte Grande e Piedade, no entanto, apontaram as obras como prioritárias durante as discussões sobre o orçamento para 1993.

A secretária municipal de Meio Ambiente, Heloísa Dias, informou que a Prefeitura está discutindo com técnicos do ITCF a viabilidade de firmar um convênio, que permitiria a administração conjunta do parque.

Conheça o Parque Estadual da Fonte Grande

- Área total: 218 hectares
- Data de criação: 31 de julho de 1986 através da Lei número 3.875
- Relevo: montanhoso, com áreas planas em seu interior
- Variação altimétrica: 50 a 308 metros
- Vegetação: mata de encosta, com preponderância para jacarandá, ipê, pau-d'alho, jequitibá, canela, aderne, angico. A vegetação estabiliza os morros, contendo pedras e terras das encostas
- Fauna: ouriço-cacheiro, tatu-galinha, sagüi-da-cara-branca, sanhaço, cutia, preá e gavião
- Atrações: vista panorâmica de Vitória e municípios vizinhos
- Área de floresta: 80% de mata e capoeira
- Área devastada: 20% de culturas e pastagens

Fonte: ITCF

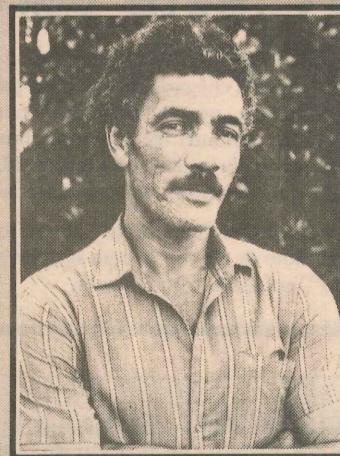
No alto do morro, a solidão

Antonio Moreira

Trabalhar no topo da encosta do Parque Estadual da Fonte Grande significa ter paciência e habituar-se a conviver com a solidão. Técnicos de emissoras de TV da Grande Vitória, guardas-florestais e policiais militares tiveram de se adaptar, forçosamente, ao silêncio e isolamento, para exercer suas atividades no parque.

O operador de transmissor Wilson João Lírio, 46 anos, que trabalha há 29 anos no local, disse que já se acostumou com a solidão. "Passei muitos Natais e Carnavais aqui em cima", contou.

Segundo Lírio, o trabalho maior acontece na época de festas. "A gente precisa manter o 'sinal' bom para as transmissões". O operador sobe nas torres de 50 metros de altura e realiza trabalhos



João Lírio: carnavais solitários

de manutenção, entre outras atividades. O salário dos operadores de transmissão varia de três a cinco mínimos (Cr\$ 690 mil a Cr\$ 1.150.000).

O caseiro de uma das emissoras de TV que possuem torres no local, Fábio Pereira, 23 anos, mora há cer-

ca de três anos no topo da encosta da Fonte Grande, com a mulher, Marinete, e a filha Priscila, 1 ano. Pereira gosta do sossego e da vista bonita do local, mas classifica a Fonte Grande como um "deserto".

O caseiro conseguiu o emprego por intermédio de seu pai, Geraldo Araújo Pereira, que trabalha há 28 anos na torre como operador de transmissor.

Outros profissionais optaram pela Fonte Grande para fugir do caos da cidade. É o caso do soldado da PM Arlindo Pedro Mapelli, que trabalha há quatro anos no local. Mapelli diz que é "normal" sentir saudades da família. "Já enfrentei desde assaltos até policiamento em casas de detenção. Aqui em cima é muito melhor", resumiu.